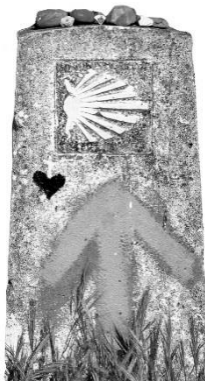


Alexandre Narciso e Anabela Narciso

Caminho do Amor

Diário de um Caminho a dois rumo a Santiago



© 2014 Alexandre Narciso & Anabela Narciso
Todos os direitos reservados.

Caminho do Amor: Diário de um Caminho a dois rumo a Santiago
Alexandre Narciso e Anabela Narciso

Revisão: Miguel Santos

Capa: Angie Zambrano

Fotografia de capa: © 2013 Alexandre Narciso

Mapa: © 2014 Anabela Narciso

ISBN-13: 978-1503142220

ISBN-10: 1503142221

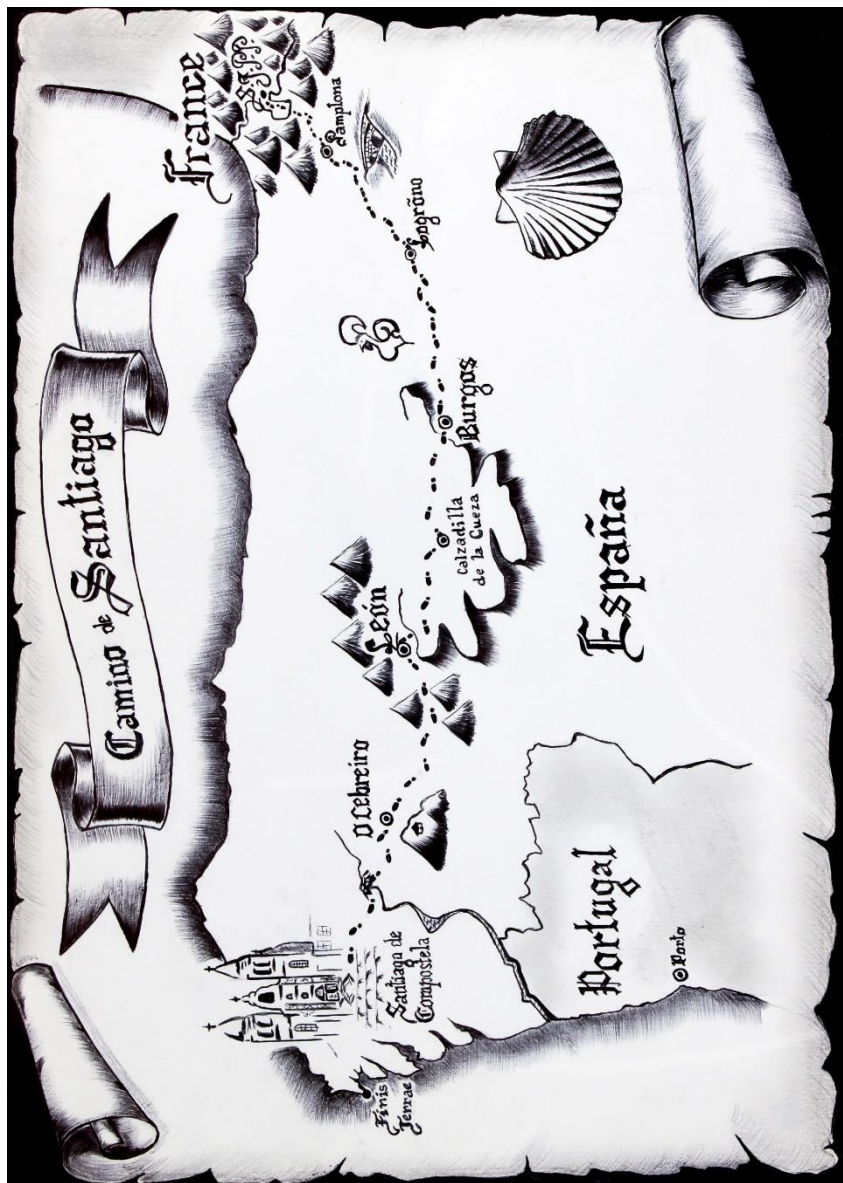
Impresso por CreateSpace, An Amazon.com Company

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou por qualquer processo sem a autorização prévia e por escrito dos autores, com exceção de excertos breves usados para crítica e apresentação da obra.

Para a nossa família
que caminha sempre a nosso lado.

Sumário

Prólogo	9
A Montanha	13
Altos e Baixos	21
A Família	35
Atitude	51
A Tempestade	59
A Bonança	77
A Morte	93
Renascer	123
Caminho do Amor	141
Pequenos Passos, Grandes Objetivos	187
Campo de Estrelas	201
Sobre os autores	205



France

Camplona

Sopriano

Burgos

León

Calzadilla de la Cueva

O Pebreiro

Santiago de Compostela

Finis Terrae

España

Portugal

© Porto

Camino de Santiago

PRÓLOGO

*“A partir de um certo ponto, não há retorno.
Este é o ponto que é preciso alcançar.”*

Franz Kafka

O comboio acabou de sair da estação.

A escuridão começa a dar lugar ao dia no preciso momento em que o comboio arranca da estação de Saint Jean, em Bordéus. Tomamos os nossos lugares num misto de nervosismo incrédulo e expectativa infantil. Cerca de três horas de viagem neste cavalo de ferro separam-nos agora de Saint-Jean-Pied-de-Port, ou seja, do início do nosso Caminho de Santiago.

Bordéus foi a última escala de uma viagem que teve início em Lisboa há muitos meses atrás, no dia em que nos olhamos nos olhos e, em unísono, os nossos corações decidiram que percorreríamos a pé os oitocentos quilómetros que separam a pequena vila francesa de Saint-Jean-Pied-de-Port da capital da Galiza, Santiago de Compostela.

Serão oitocentos quilómetros a transpor montanhas colossais e a palmilhar extensas planícies em trilhos de terra batida e pedras soltas por entre campos de cultivo e densas florestas. Mesmo antes de tal decisão ser aceite pela razão, já os nossos corações a abraçavam sem hesitação. Como ou porquê, não o sabemos. Ainda.

Pelo meio houve muitos meses de preparação, física e men-

tal; muitos dias em que fomos assolados de dúvidas sobre a nossa decisão de percorrer este caminho milenar, dias em que tudo nos pareceu insensato e inalcançável. Em raros momentos, pura e simplesmente dispensámos à martirizante voz da lógica os nossos mais apurados ouvidos de moucos e encarámos a decisão como algo definitivo. Procurámos moralizar-nos com testemunhos de outros peregrinos que também passaram pelo mesmo dilema e que, apesar da incerteza, fizeram o Caminho e chegaram a Santiago. Esta injeção de moral uns dias resultou. Outros, nem por isso. E no entanto, continuámos a programar os nossos dias em função dos treinos físicos.

Certo dia, achámos que era chegada a hora de comunicar à família que íamos fazer o Caminho de Santiago. Uma das primeiras observações, proferida sem hesitação, foi que não iríamos conseguir. Pareceu-nos ler nas entrelinhas o tom paternalista daquela frase ameaçadora que paira como um espectro ominoso da desgraça para todos os que empreendem em altos voos: “vede lá no que vos ides meter!” Mas é perfeitamente compreensível. Os pais não querem tolher os passos que escolhemos dar na senda da vida, ainda que pressintam o perigo nas pedras que nos podem fazer cair. Só gostariam de evitar a tristeza e a dor caso não consigamos escapar da queda. Sabemos que não foram palavras de desencorajamento. Foram os medos deles a falar mais alto.

Agora, à medida que o comboio se afasta de Bordéus deslizando vagarosamente pelos carris rumo a sul, ecoa-nos no pensamento o inquietante aforismo que Franz Kafka escreveu: “a partir de um certo ponto, não há retorno. Este é o ponto que é preciso alcançar.” Ambos sentimos que atingimos esse ponto de não retorno, que agora não há como voltar atrás. Hoje, aqui neste comboio, relembramos estes últimos meses, as nossas

hesitações e incertezas, e interrogamo-nos: seria a voz da sensatez que nos alertava para a possibilidade do fracasso? Ou estaríamos a arranjar desculpas?

Racionalmente, tudo nos diz que aquilo a que nos propomos é uma loucura. Oitocentos quilómetros? A pé? Olhamos para nós e pensamos que fisicamente encaixamos tão bem no papel de peregrinos como um pinguim numa escola de aviação.

Amanhã será o grande dia, o dia de pôr pés ao Caminho. E temos consciência que na mochila carregamos muito mais do que bagagem. Nela vão também os nossos sonhos e medos, anjos e demónios. Estamos certos que estes serão companheiros diários do nosso Caminho. Se bem que uns serão alento, contra os outros teremos que descobrir as armas para os vencer. Carregamos também muitas perguntas que esperamos ver respondidas, ou melhor, cujas respostas partimos em busca, sem a certeza de as encontrarmos. A maior delas todas fervilha na nossa mente: o que nos leva a fazer o Caminho?

Sabemos que o queremos fazer porque precisamos, precisamos de nos esforçar para além do que nos é normal, precisamos de nos cansarmos para não vivermos uma “vida cansada”, precisamos de ter dores para não vivermos uma vida onde já nada se sente, precisamos de saber o que é viver com o básico para podermos valorizar a riqueza do que “temos”. Não a riqueza dos objetos, mas sim das pessoas e dos afetos...

Partimos em busca da vertente humana que muitas vezes nos questionamos se existe, por onde anda, o que fizeram com ela. O mundo moderno suga-nos a espiritualidade, tolda-nos os sentidos com os néons, promessas de fama, luxos e aventuras. Perdemos muita da nossa humanidade.

Ainda assim nos questionamos sobre o porquê dos nossos corações nos pedirem para percorrer oitocentos quilómetros de

mochila às costas. Contudo, ambos sabemos que hoje não é dia para obter respostas... Hoje é dia de perguntas, de medos, de ansiedade.

Acima de tudo, hoje é dia para sonhar!

A MONTANHA

*“Para llegar a Santiago como un joven,
empieza el Camino como un viejo.”*

Dito popular

Esta manhã tínhamos pela frente a temerosa travessia dos Pirenéus e uma enorme dúvida instalada nas nossas cabeças. Sabíamos de antemão que dispúnhamos de duas opções para chegar à localidade espanhola de Roncesvalles. Ou seguíamos pela rota de Napoleão, que atravessa a montanha, ou avançávamos pela rota de Valcarlos, que grosso modo acompanha a estrada nacional que liga a França à Espanha.

A Rota de Napoleão é um pouco mais longa e tem um desnível superior à Rota de Valcarlos, o que faz com que seja indubitavelmente mais exigente, logo mais assustadora. Mas é também aquela que permite ao peregrino embrenhar-se na natureza, apreciar a magia da Criação e deixar-se envolver pela serenidade da montanha, longe da civilização, longe da poluição sonora dos carros, longe do martirizante alcatrão.

O problema é que a tranquilidade tem um preço. E aqui o preço pode ser alto demais. É que, para além da exigência, a Rota de Napoleão granjeia da fama de ser bastante perigosa o que leva a que se encontre frequentemente fechada, visto que foram já muitos os peregrinos que perderam a vida neste troço do Caminho de Santiago. E mesmo quando a passagem está aberta, é

preciso ter em consideração que o tempo é extremamente incerto e um dia de verão em Saint-Jean-Pied-de-Port pode rapidamente transformar-se num dia invernal na montanha.

Apesar dos perigos e da dificuldade acrescida, seguir a Rota de Napoleão apresentou-se-nos como o mais apelativo dos desafios. Com dois meses de antecedência tratámos de todos os preparativos que nos facilitaríamos a travessia da montanha, quebrando a etapa em dois e pernoitando em Orisson que fica a somente oito quilómetros de Saint-Jean-Pied-de-Port. Como programámos a travessia dos Pirenéus para inícios de maio, supusemos que não haveria problemas meteorológicos de maior: a neve já não impediria a passagem e o frio seria mais suportável. Uma suposição que nos poderia ter saído muito cara!

Ontem, ao chegarmos a Saint-Jean-Pied-de-Port fomos informados no centro de acolhimento dos peregrinos que um forte nevão havia assolado a região na última semana, levando a que as autoridades fechassem a rota durante vários dias.

A boa notícia era que a rota havia acabado de reabrir. A má notícia é que, apesar das previsões apontarem para uma melhoria do estado do tempo, este continuava instável e ninguém nos podia garantir uma travessia tranquila. Um bonito panorama começou a desenhar-se aos nossos olhos: ainda somos apanhados por um nevão na montanha e para isso não estamos preparados. Ainda assim, motivaram-nos para seguirmos pela Rota de Napoleão e nós, espicaçados pela provocação do desafio, ficámos inclinados a arriscar. Até porque lá fora o astro rei brilhava com intensidade encerrando nos seus raios a promessa dum dia esplendoroso. Recebemos o carimbo de estreia nas recém-adquiridas Credenciais do Peregrino e foram-nos oferecidas as conchas de vieira, que nos identificam como peregrinos de Santiago, para pendurar na mochila.

A noite esteve longe de ser uma força apaziguadora. A dúvida assaltou-nos madrugada dentro e nem a alvorada ajudou a desvanecê-la. Já de mochilas às costas e de bastões em punho, saímos à rua e fomos recebidos por uma espessa neblina. O grande dia da partida não podia começar melhor!

Com as palavras “o tempo na montanha é imprevisível e muda subitamente” a ressoarem nas nossas cabeças, demos os primeiros passos no nosso Caminho, atravessando as empedradas ruas medievais de Saint-Jean-Pied-de-Port. No silêncio das ruas vazias, a vila devolveu-nos o eco dos nossos passos, dos nossos cajados e dos nossos pensamentos.

Ao sairmos da localidade surgiu a famosa bifurcação, a grande culpada pela dúvida que tanto nos atormentou desde a tarde de ontem. Ainda estávamos a tempo de seguir pela Rota de Valcarlos... Mas não o fizemos. Algo em nós sussurrou que aquele não era o nosso Caminho.

Apesar do espesso nevoeiro, que não nos permitia ver mais que um par de metros, avançamos pela Rota de Napoleão, seguindo as setas amarelas que nos hão de conduzir até ao túmulo do Apóstolo. Cedemos ao magnetismo da montanha, deixando nas mãos de Santiago o nosso destino. Um bendito instante que nos encheu de ímpeto.

À medida que fomos superando as primeiras subidas, com os chocalhos dos animais invisíveis e o canto dos pássaros como banda sonora, a neblina começou a dissipar-se. E com ela, as nossas dúvidas. O sol inaugurou o dia, afastando em definitivo o manto de névoa que nos toldava a visão, enfim revelando prados dum verde intenso pincelado por flores de prodigiosas cores, exibindo as ondulantes formas dos montes e vales. Uma verdadeira pintura esboçada pelo Criador, da qual fazíamos parte ainda que efemeramente.

É verdade que hoje o Caminho obrigou-nos a superar íngremes e penosas subidas, mas presenteou-nos com vistas de outro mundo.

Fosse a vida sempre assim tão justa... Era bom que os nossos esforços, a nossa persistência e coragem fossem sempre assim recompensados... Bem, hoje foram! E só podemos estar agradecidos por isso.

Mas porque é que o ser humano vive sempre insatisfeito com as recompensas concedidas ao seu esforço?

Talvez o problema esteja, muitas das vezes, na leitura que fazemos das recompensas. Quantas vezes somos realmente capazes de sentir como recompensa estas oportunidades únicas de contemplarmos a natureza em todo o seu esplendor? Ou de sentirmos o calor do sol quando beija a pele? Ou saborearmos a suave brisa que faz dançar as árvores? Ou apreciarmos um pôr do sol na companhia de quem mais amamos? Talvez o problema esteja em não darmos valor suficiente a estas pequenas grandes coisas, à sua simplicidade. Perdemos o foco, perdemos a capacidade de nos deixarmos maravilhar, esquecemo-nos de estar gratos, assumimos como dado adquirido tantas coisas, demasiadas coisas.

Para apreciar o sol é preciso andar à chuva, para apreciar o calor é preciso passar frio, para valorizar a água é preciso ter sede.

Esta linha de pensamento levou-nos a refletir sobre a nossa vida partilhada a dois. Os últimos anos têm sido difíceis, mas temos permanecido sempre juntos, como uma sólida equipa e o nosso amor tem saído reforçado a cada dificuldade ultrapassada, a cada montanha superada. O nosso amor vale todas as lágrimas derramadas, todo o suor, todas as dores.

Assim foi hoje o nosso Caminho: mereceu todas as dores e

medos. O universo conspirou a nosso favor e nós piscámos-lhe o olho em sinal de agradecimento.

Já estamos em Orisson desde a hora do almoço e foi um deleite saborear uma refeição com a imensidão dos Pirenéus a nossos pés. A tarde foi passada à conversa com outros peregrinos. As razões que os levam a fazer o Caminho ainda estão como a manhã de hoje: envoltas em neblina. Mas o ânimo é grande e a alegria de termos vencido o primeiro dia é geral.

Das várias pessoas que hoje conhecemos, houve três com as quais sentimos uma maior empatia. As canadianas Lauren e Ellen, ambas na casa dos cinquenta anos, e a britânica Nancy, cerca de dez anos mais nova.

A Lauren tem um gigantesco espírito positivo e aparenta ser um poço de tolerância. Transpira tranquilidade e tem uma alegria contagiante. Começou a ser viajante aventureira muito nova, o que nos cativou de imediato, pois a nossa paixão pelas viagens já nos levou a calcorrear quase meio mundo.

A Ellen é uma vivaz cinquentona que quer sorver a vida toda. Como tinha o cabelo rapado, pensámos que teria passado recentemente por um tratamento de quimioterapia, mas não. A Ellen rapa o cabelo para angariar dinheiro na luta contra o cancro. São pessoas assim, anónimas, que ajudaram a salvar as nossas mães.

Quanto à Nancy, apesar de ser natural de Cambridge vive há cinco anos em Goa, numa pequena aldeia costeira nos arredores de Palolem. Está a fazer o Caminho sozinha e vem cheia de medos, até porque está longe de ter as condições físicas ideais. Mas uma etapa já superou e está a lutar contra os seus medos – e não estaremos todos? Um dia de cada vez! É assim o Caminho. E a vida... Soubéssemos nós ter esta calma e conseguir no nosso

dia a dia “embriagarmo-nos” da vida com a mesma intensidade de um dia a Caminho de Santiago!

Amanhã espera-nos um dia muito difícil! Temos dezoito quilómetros para trilhar antes de chegar a Roncesvalles, sem nenhuma localidade pelo meio. Apenas nós, a natureza e, claro, os outros peregrinos. Sabemos que, apesar de ser apenas a segunda, é uma das etapas mais difíceis de todo o Caminho. Temos medo, como é óbvio, mas hoje o dia encheu-nos de coragem e temos fé de que tudo correrá bem. Sim, porque na vida é preciso ter fé.



Ver o nascer do sol no alto dos Pirenéus foi como se Deus nos tivesse convidado para assistir ao amanhecer da sua varanda.

Lentamente a luz quebrou a penumbra e a lua, como que envergonhada, recolheu-se dando lugar ao sol que sorrateiramente se ergueu por entre as curvas das montanhas. A quietude, que durante a noite havia reinado, foi cedendo aos sons da vida que despertava. Os madrugadores pássaros abandonavam as árvores, uma manada de cervos corria por entre os bosques que ladeavam o caminho e ao longe escutavam-se os chocalhos dos rebanhos. Foi um grandioso espetáculo, conduzido por um maestro que não carece de aplausos. E nós, tal e qual uma flor, desabrochávamos.

Foi o bálsamo perfeito para superarmos as primeiras subidas do dia. À medida que nos fomos aproximando do Collado Lepoeder, a cota máxima da passagem do Caminho pelos Pirenéus, a paisagem foi-se tornando mais agreste: os densos bosques renunciando presença a favor dos despídos e pedregosos prados; o verde muitas vezes vencido pelo branco ofuscante da neve que ainda há poucos dias havia forçado ao encerramento da Rota de

Napoleão. Tal como a paisagem se despojava da exuberância verdejante da floresta, o cansaço físico foi despindo o nosso espírito do ânimo matinal.

Chegámos ao topo, já do lado espanhol, ofegantes e completamente de rastos. Um gasto marco jacobeu assinala a conquista e informa-nos sobre o número (por defeito) dos quilómetros que nos separam de Roncesvalles. Nos nossos rostos desenhou-se um sorriso, meio vacilante, meio confiante, mas todo ele sincero. Respirámos fundo, abraçámo-nos efusivamente e avançámos, lado a lado. Sentimos que o pior já havia passado. Afinal de contas a partir de agora era sempre a descer até Roncesvalles. Como é bonita a inocência! Mal sabíamos nós que, se a subida havia sido difícil, a descida seria bem pior.

Do Collado Lepoeder a Roncesvalles distam somente seis quilómetros, mas a diferença de altitude é de quinhentos metros. Isto, traduzido para bom português, significa íngremes ladeiras... Traduzido para o nosso corpo, significa uma enorme dor nos joelhos. Nunca mais acreditamos no provérbio “a descer todos os santos ajudam”.

Quando vislumbrámos a silhueta da Real Colegiata de Roncesvalles, o nosso albergue desta noite, soltámos um genuíno suspiro de alívio. Estávamos exaustos, tínhamos as pernas a latejar e os joelhos feitos num oito, mas o facto era que havíamos superado a dura travessia da montanha e isso, por si só, era motivo de celebração. Na vida é importante celebrar as pequenas conquistas. São elas a fonte de ânimo para prosseguir em frente quando o caminho se torna árduo. As pequenas conquistas são a essência dos grandes sucessos.

Celebrámos, então, na companhia de outros peregrinos, onde não faltaram os rostos sorridentes da Lauren, da Ellen e da Nancy, num jantar comunitário que antecedeu a missa onde

recebemos a centenária Bênção dos Peregrinos. Superámos a montanha superando-nos a nós mesmos ao negarmos cedência aos queixumes do corpo e, provavelmente, aos queixumes do espírito.

A celebração eucarística foi rezada num misto de *spanglish*, *frandentsh*, num enquadramento de fundo espanhol. Somos muitos no Caminho. Tantos. Olhamos em redor e reconhecemos nos rostos a geografia dos quatro cantos do mundo, aqueles que já trilhámos e os que sonhamos um dia trilhar. Rostos distintos. Histórias, essências, pensamentos, almas e gestos distintos. Tão distintos. Como é possível, pessoas de partes tão longínquas serem chamadas a peregrinar a Santiago? Cada um fala a sua língua, porém, há uma linguagem que todos parecemos partilhar. Cada um tem uma história de vida tão singular e única, porém, todos nos sentimos impelidos a estar aqui e agora neste lugar. Que poder é este o do Caminho?

No final da missa, todos, independentemente de crença ou religião, fomos convidados a aproximarmo-nos do altar para sermos investidos e abençoados como peregrinos. A oração da bênção encontrou sonoro eco nos nossos corações e tocou-nos profundamente. No final deixámo-nos comover, esmagámos as lágrimas nos ombros um do outro, num abraço sem pressas, embalado pela sintonia do amor. Por momentos estivemos sós, ainda que rodeados por uma multidão.

Agora que as dez da noite se aproximam, e com elas o desligar das luzes do albergue, escutamos a chuva a cair lá fora, observamos a janela pincelada de pequenas gotas e apercebemo-nos do quanto fomos bafejados pela sorte. Escapámos ao mau tempo na montanha mesmo à justa.

ALTOS E BAIXOS

“Life is a roller coaster!”

Será que nos preparámos para esta empreitada? Hoje o Caminho criou os primeiros danos físicos e psicológicos numa contínua montanha-russa de subidas e descidas.

À saída de Roncesvalles, um sinal rodoviário fez questão de nos lembrar que ainda falta muito para Santiago: setecentos e noventa quilómetros! Se fizermos uma conta rápida de cabeça, setecentos e noventa quilómetros são setecentos e noventa mil metros e se cada metro for transposto com dois passos, ora isso dá... Um milhão, quinhentos e oitenta mil passos. Um milhão, quinhentos e oitenta mil passos?! Será que temos capacidade física para suplantarmos uma distância tão grande? Maldita matemática. Vieram à tona todos os nossos medos, aqueles que nos moem o juízo há meses, escondidos num cantinho escuro da nossa mente e que, sem dó nem piedade, nos dizem que é impossível. Os medos conseguem transfigurar um sonho num pesadelo. Basta darmos-lhes a oportunidade.

Com os pensamentos neste estado de agitação, deixámos para trás Roncesvalles por um trilho rodeado de bosque. Até Espinal, a povoação onde fizemos a nossa primeira pausa do dia,

a paisagem que acompanha o Vale do Erro animou-nos. O inverno foi rigoroso nos Pirenéus. A primavera só agora começa a mostrar os primeiros ares da sua graça. Reavivou-se em nós a calma e tranquilidade de quem caminha pela natureza. Ficámos gratos por sermos presenteados com vistas e paisagens sem mácula da cinzenta modernidade.

Logo à saída de Espinal, apanhámos a primeira subida do dia. Um pouco sem fôlego, chegámos ao Alto do Mezkiritz, o ponto mais alto desta etapa. Temos que admitir que valeu a pena subir cada metro, pois fomos regalados com uma vista estupenda: extensos prados verdejantes por entre densos carvalhais e faiais e, ao longe, as montanhas a emergir como pano de fundo, como cândidas esculturas da natureza. As densas nuvens cinzentas parecem provocar a perpétua imutabilidade das montanhas, rodopiando à sua volta numa morosa dança de forças da natureza.

Foi a partir daqui que tudo se complicou. A sucessão constante de subidas e descidas começou a manifestar-se no corpo: os músculos das pernas reclamavam com as subidas, os joelhos protestavam nas descidas. O céu, solidário com as nossas dores, cobriu-se de negras nuvens derramando a tempos as suas lágrimas.

Descida após subida, lá fomos avançando até ao pequeno povoado de Lintzoain onde, sentados no banco dum modesto parque infantil, nos refastelámos com o nosso almoço: sandes de queijo e presunto acompanhadas duma bela cola de reserva, produção deste ano! O nosso repasto devia estar tão cheiroso que atraiu um juvenil rafeiro, orgulhoso guardião da silenciosa aldeia. Trocou connosco aquele olhar suplicante de cachorrinho, a que não conseguimos resistir. Em tom de agradecimento pela fatia de pão partilhada, quis-nos mostrar outro dos seus dotes escondidos, o de companheiro de Caminho. Assumindo o papel

de líder, com contentamento guiou-nos um bom pedaço do trilho no seu passo ligeiro. Quando se certificou que estávamos bem orientados, deixou-nos entregues a nós mesmos e às setas amarelas, provavelmente com o orgulho de missão cumprida.

O momento mais comovente do dia aconteceu ao cruzarmos com o memorial de Shingo Yamashita, um peregrino japonês que ali faleceu em 2002. Os memoriais geram um turbilhão de pensamentos, de medos, de incertezas. Inquietam-nos o ser. Ao longo de tantos séculos, foram milhares, talvez mesmo milhões, de peregrinos que por ali passaram, com os seus medos e angústias, esperança e fé. Muitos atingem a tão ansiada meta final, abraçar o Santo. Outros desaparecem. Nesta derradeira via de peregrinação exalam o seu último sopro de vida, para iniciarem o mais inequívoco dos caminhos.

Foi com este pensamento a saltitar nas nossas cabeças que chegámos ao Alto do Erro. Um bar móvel surgiu no horizonte e imediatamente decidimos fazer ali a última pausa do dia. Partilhámos a mesa com o François, luxemburguês com quem ençtámos logo uma amena cavaqueira. O seu visível estado de sofrimento chamou-nos a atenção. Queixou-se das bolhas e das dores nos pés e joelhos, muito por culpa do excesso de peso da sua mochila. A pausa estendeu-se no tempo, mas todos retomámos o Caminho com um pouco mais de ânimo.

Sol de pouca dura, como na realidade acontecera o dia inteiro. Para fechar o pano, uma descida de trezentos metros em apenas três quilómetros. Lama, pedras rolantes e desníveis com degraus de rocha para adornar o cenário. Não víamos o fim daquele tormento e a cada passo dado na descida vertiginosa mais desânimo se instalava. O Caminho não é um passeio. Já o sabíamos e cada pontada de dor teimava em confirmá-lo.

Até que entrámos em Zubiri pela Puente de La Rabia. Era

impossível não reparar na ironia do nome, apesar de na sua origem nada ter a ver com a raiva que um declive daqueles pode gerar num peregrino. Pelo menos nestes dois peregrinos que fazem *mea culpa* pois não encararam as últimas horas da jornada com a desejada paz de espírito.

Como se ainda não bastasse, descobrimos que não tínhamos cama! Os albergues já não tinham vagas, até mesmo os albergues particulares. Psicologicamente desfeitos, já nos preparávamos para andar ali perdidos à procura dum quartito na casa de alguém quando nos surge uma jovem ao caminho: “*quieres una habitación?*”¹ Foi como oferecer água a quem, sedento, se sente perdido no deserto. Aceitámos de imediato. Enquanto a seguíamos, disse-nos que o quarto ficava na pensão Goikoa, uma palavra basca que significa “o mais alto”. Percebemos a intenção do esclarecimento quando tivemos que subir cinco lanços de escadas até ao último andar do prédio. Chegámos ao topo de rastos.

Em apenas três dias o Caminho mandou-nos ao tapete. Quando o corpo passa mensagens de dor e cansaço, a mente transforma-as em dúvida. Questionamos seriamente a nossa capacidade de chegar a Santiago e, já se sabe, a dúvida enfraquece a coragem.

A simpatia da jovem da pensão Goikoa, que nos fez sentir em casa, foi o primeiro bálsamo no fim dum dia de provações. Somando um duche relaxante e um jantar recuperador, começou a reavivar-se o sonho de chegarmos a Santiago.

Ao jantar, partilhámos mesa com um casal de australianos, o Peter e a Patty, com quem nos temos vindo a cruzar desde

¹ Queres um quarto?

Orisson e que hoje também pernoitam na pensão Goikoa. Também eles estão assoberbados de dúvidas depois da dura etapa que todos tivemos que vencer. Duvidam se vão conseguir continuar, duvidam da sua decisão de terem vindo para o Caminho. Afinal, não somos só nós. E pelo que nos temos vindo a aperceber, o sentimento é geral entre a maioria dos peregrinos. Perante a percepção das fragilidades do corpo, aliada à perspectiva das centenas de quilómetros que ainda temos pela frente, é inteiramente aceitável que nos salte logo à mente esta ideia sinistra: eu não sou capaz. Poucos haverá que sejam imunes.

Para nossa surpresa e alegria, vimos a Nancy entrar no bar e logo se juntou a nós na mesa. Se nós achamos que estamos mal, ela está ainda pior, física e psicologicamente. A falta de preparação física, aliada a uma série de dificuldades vividas nos últimos dias deitou-lhe a moral por terra. Desistir era a palavra de ordem. Tentámos os quatro animá-la, mas temos sérias dúvidas de termos sido bem-sucedidos. Sentimos que o Caminho significa muito para ela e gostávamos de a ver chegar a Santiago, cumprir o seu sonho e encontrar o rumo de vida que veio à procura nesta viagem espiritual.

Após o jantar recolhemos ao nosso quarto e passámos o que nos restou do serão à conversa. Veio à baila o sinal rodoviário desta manhã, o arrepiante número dos setecentos e noventa quilómetros que separam Roncesvalles de Santiago. No imediato, foi a distância o que mais nos assustou. Recordámos a dureza do percurso que hoje fizemos, o que exigiu ao corpo e os momentos em que o abatimento nos visitou. Recordámos as palavras partilhadas pelos nossos companheiros de Caminho que pareciam descrever, *ipsis verbis*, as mesmas hesitações de que somos alvos. Como as combater? Se a vontade de chegarmos a Santiago é tão grande, como é que nos deixamos abater tão rapidamente?

O que o dito sinal rodoviário omite é que a distância está longe de ser o maior adversário do peregrino. Na verdade, as adversidades são muitas e variadas. Tanto podem advir das contrariedades do terreno, do clima, ou das condições do caminho, como podem nascer da nossa natureza humana muito dada aos antagonismos e contradições. E neste caminho interior, as distâncias podem ser muito mais intransponíveis, os altos e baixos muito mais intensos. Porquê? Porque o adversário mora dentro de nós mesmos. É preciso conhecê-lo a fundo para o enfrentarmos.

Se hoje fomos visitados pelo desalento, foi porque deixámos o corpo falar mais alto do que o espírito. Com facilidade deixamos de estar focados num propósito traçado quando damos demasiada importância aos queixumes. O que é um facto é que cumprimos o propósito deste dia, chegámos a Zubiri. Estamos cansados? Sim, não o podemos negar, mas esta é mais uma pequena conquista que nos traz alegria e devemos deixá-la ressoar na nossa alma.

Bendita mania de pensarmos em voz alta! Também nós precisávamos de levantar a nossa moral e nada como as palavras um do outro para renovar a coragem. Somos uma equipa na vida. E no Caminho não saberíamos funcionar doutra maneira.

Quando olhamos para a vida de outra perspectiva, a realidade nem sempre é tão má como parece. Há meia dúzia de horas atrás o desânimo havia tomado conta de nós, estávamos perto de atirar a toalha ao tapete. Contudo, há pouco mais de uma hora estávamos a tentar convencer outra pessoa a dar mais um passo, a prosseguir caminho. Altos e baixos. O dia de hoje foi também uma montanha-russa de emoções.



Hoje tivemos mais um dia de provação. Não foi preciso dar muitos passos para nos apercebermos que as mazelas das últimas etapas vieram para ficar. A noite de ontem ajudou a sarar a prostração, mas estive longe de chegar para recuperar as dores musculares e pode-se mesmo dizer que começámos o dia cansados.

Durante todo o dia as abruptas subidas foram alternando com as escarpadas descidas. Nada que não estivéssemos já à espera. O grande entrave do dia logo havia de vir dos Céus: hoje choveu praticamente o dia todo!

Logicamente, chuva sobre trilho de terra batida resulta em lama. Para a evitarmos atrasou-nos o passo e sempre que não tínhamos como lhe fugir, agarrava-se às botas tornando-as mais pesadas. O verdadeiro perigo da chuva, descobrimos, está nas descidas. A chuva do dia e a lama barrenta transformaram as descidas em autênticos escorregas. Descobrimo-lo quando, ao primeiro descuido, o chão nos fugiu debaixo dos pés. Lá fomos aprendendo a colocar os pés, a escolher pontos de apoio, a evitar pedras escorregadias, a precavermo-nos dos deslizamentos, a buscar o apoio certo nos nossos cajados. Mesmo assim, não nos esquivámos a uns valentes sustos: um passo incauto, um pé que nos falhava e o coração disparava no peito. Tememos o pior, que uma queda colocasse um ponto final no nosso Caminho. Na verdade, não era a queda em si o que temíamos, mas que ela nos quebrasse a vontade.

Quis o destino que não o vivéssemos na pele, que não o viéssemos a descobrir hoje.

No fundo duma ladeira, tivemos a confirmação do quadro que se pintava na nossa mente. Um jovem rapaz que cobria de pensos um joelho e um cotovelo esfolados. Tinha caído na descida. Escorregou, perdeu o equilíbrio sob o peso da mochila e, quando deu por ele, viu-se estatelado nas pedras enlameadas.

Quando nos certificámos que o socorro médico não se justificava, ali o deixámos a descansar, como nos pediu. Acedemos ao pedido assim que nos apercebemos do inconfundível brilho nos olhos de quem reprime as lágrimas. Aprendemos que não custa nada oferecer auxílio a quem cai. Contudo, quando precisam de buscar as forças para se voltarem a erguer, há que saber sair de mansinho para que o nosso auxílio não seja um empecilho.

Debaixo de chuva, as obrigatórias pausas para descansar e repor forças tornam-se muito mais complicadas. É preciso sempre procurar um abrigo e podem-se passar largos quilómetros sem qualquer possibilidade de paragem.

Neste dia de chuva, valeu-nos o alpendre da casa de um simpático casal basco de Akerreta para fazermos a nossa pausa da manhã. Do alpendre passámos para a cozinha e os quinze minutos de paragem passaram para uma hora. Nayara e Xavier abriram-nos as portas da sua modesta casa, receberam-nos de braços abertos, ofereceram-nos um fumegante café e um queijo caseiro delicioso e brindaram-nos com um caloroso abraço num dia frio e chuvoso. A pequena lareira aqueceu-nos os ossos; as suas palavras aqueceram-nos a alma.

Esta hospitalidade tornou-se uma tradição familiar. Já a avó de Nayara acolhia os peregrinos que rumavam a Santiago. Pela janela mostrou-nos uma pequena fonte centenária, anexa à casa, que a sua avó mandou erguer com o intuito de saciar a sede aos peregrinos. Foi vontade expressa da anciã que os seus filhos nunca a deixassem secar e ainda hoje é mantida pela sua já idosa neta e pelo seu companheiro de vida, Xavier. O desígnio continua a ser o mesmo: auxiliar os peregrinos. Numa altura em que a comercialização do Caminho aumenta a olhos vistos, é bom ver que ainda existem pessoas com genuína generosidade, que dão o que têm, sem esperar nada em troca. Foi com pouca von-

tade que nos despedimos daquele aconchego e voltámos a abraçar o Caminho rumo a Pamplona, o nosso objetivo do dia.

A montanha-russa de subidas e descidas continuou e choveu copiosamente. Ao alcançarmos a ponte romana sobre o Rio Ultzama, que serve de entrada na pequena localidade de Trinidad de Arre, estávamos molhados que nem uns pintos, cansados e envolvidos na fina teia do desalento. Por uns instantes, parou de chover e não resistimos a sentarmo-nos no beiral da ponte. Ainda faltavam cinco quilómetros para Pamplona e precisávamos urgentemente de descanso e de comer algo. Abrimos as mochilas e apenas nos restava um par de húmidas sandes de presunto, mas a fome opera milagres e as deslavadas sandes souberam-nos pela vida. Nós a acabar de as comer e os céus a tornarem a abrir-se.

Do outro lado da ponte, tal e qual uma candeia a luzir na escuridão da noite, vislumbrámos um albergue de peregrinos, anexo a uma igreja. Não resistimos à tentação e arrastámo-nos, a nós e às mochilas, até à robusta porta de carvalho no pórtico da igreja. Não conseguíamos caminhar mais, mesmo sabendo que isso significava perder o dia de descanso que havíamos planeado para Pamplona.

Recorremos ao batente da porta para nos fazermos anunciar e passado um par de minutos escutámos o som de trancas a soltarem-se, ao qual se seguiu um estridente chiar de dobradiças. A robusta porta de carvalho movia-se. Ao abrir-se, revelou-nos um sorridente padre. Fez um comentário sobre o mau tempo, convidou-nos a entrar e deu-nos as boas vindas à Basílica da Santíssima Trindade, hoje entregue aos cuidados dos padres Maristas, que são também os hospitaleiros do albergue de peregrinos.

Perguntámos-lhe se tinha vagas no albergue ao qual nos respondeu afirmativamente. Apenas um casal havia chegado an-

tes de nós e não esperava que muitos mais peregrinos optassem por ficar aqui esta noite.

“As pessoas preferem avançar um pouco mais e pernoitar em Pamplona. Aqui não há nada a não ser tranquilidade e o som embalador do rio Ultzama. Em Trinidad de Arre nem sequer há um bar ou um restaurante. Mas temos cozinha e a somente algumas centenas de metros há um supermercado. Ah! E a igreja está aberta até às dez da noite, se quiserem um espaço para rezar”, acrescentou o afável padre.

As suas palavras foram como música para os nossos ouvidos. Estávamos a precisar de tranquilidade. Conduziu-nos pela igreja e por entre um bem cuidado pátio até ao albergue e desejou-nos um bom descanso. Ao entrarmos no amplo dormitório escutámos um par de vozes bem familiar. O casal que havia chegado antes de nós eram o Peter e a Patty. Um sorriso rasgou-se nos nossos rostos. Informaram-nos que havia água bem quentinha, um pequeno luxo ao qual nem sempre tivemos direito nos últimos dias.

Perguntámos-lhes se haviam visto a Nancy, mas infelizmente a resposta foi negativa. Estamos preocupados com ela.

Após um retemperador banho, juntámo-nos aos nossos amigos australianos e fomos até ao supermercado para nos abastecermos para o jantar. Já não chovia e timidamente o sol espreitava por entre as nuvens negras. Como na cozinha do albergue não faltavam temperos nem azeite, limitámo-nos a comprar uma dúzia de ovos, esparguete, cebolas, tomates e duas garrafas de vinho, o melhor analgésico do Caminho. O menu da noite foi ovos escalfados com esparguete em molho de tomate. Simples, é verdade, mas não foi preciso mais para um retemperador jantar

a quatro, onde a partilha reinou e onde nos ficámos a conhecer melhor.

O Peter é neurocirurgião e a Patty é enfermeira, sendo que ambos trabalham no Royal Brisbane and Women's Hospital.

A razão pela qual fazem o Caminho deixou-nos de lágrimas nos olhos, apesar de a terem partilhado connosco com aparente serenidade, sem qualquer tipo de drama. O dia em que arrancararam de Saint-Jean-Pied-de-Port coincidiu com o segundo aniversário da morte do seu único filho. Robert tinha apenas dezanove anos quando partiu, vítima de um trágico acidente de viação, que ceifou a sua vida e a de outros três amigos no regresso a casa após uma festa de aniversário. Excesso de velocidade e o rebentar de um pneu foram a combinação fatal. O carro despistou-se e rolou sobre si mesmo por uma encosta abaixo. Não houve sobreviventes...

Na vida de Patty e Peter ficou um imenso vazio. Passaram os últimos dois anos numa tentativa desesperada de aprender a lidar com esse vazio, com a dor, com a revolta que enegreceu os seus corações, ao ponto de julgarem que já não conseguiam amar, que nunca mais voltariam a sorrir. Porém, um no outro encontraram a força que precisavam para continuarem a caminhar, para continuarem a viver, para continuarem a salvar vidas mesmo sabendo que algo neles morreu para sempre. Sentiram renascer um pelo outro um amor transfigurado e encontraram nele, e nas suas profissões, o seu desígnio de vida. Pretendem que este Caminho simbolize o fim desse luto, querem que seja a última grande homenagem ao Robert e querem adormecer a revolta, fazer as pazes com Deus. Quantos de nós não precisamos também de fazer as pazes com Deus? Quantos de nós não precisamos de aprender a saber perdoar e a saber aceitar o perdão?

A coragem do Peter e da Patty comoveu-nos, sentimos que

as nossas dores, as nossas razões de queixa com a vida, a nossa revolta com as enigmáticas linhas do destino são insignificantes ao lado das deles. Por vezes, faz-nos falta apercebermo-nos que há quem tenha sido mais provado pela vida do que nós, faz-nos falta apercebermo-nos que apesar de termos os nossos contratempos e dissabores, não deixamos de ser abençoados. Quantas vezes, à mais insignificante coisa, nos deixamos deprimir, baixamos os braços, deixamos de saber valorizar as pequenas dádivas? Temos de aprender a relativizar. Deus escreve direito por linhas tortas. Há sempre uma razão para algo nos acontecer, mesmo que não o consigamos ver de imediato. Se hoje a chuva nos demoveu de prosseguir caminho até Pamplona, talvez tenha sido um arranjo do destino para nos cruzarmos com o Peter e a Patty, de usufruirmos da hospitalidade dos Padres Maristas e de recuperarmos a serenidade na Basílica da Santíssima Trindade.

Após o jantar, procurámos refúgio na tranquilidade da igreja. Nessa igreja rezámos a uma só voz. Chorámos. Sentimos que Deus, seja por que nome Ele seja conhecido, tocou as nossas almas. Nessa igreja conversámos com Ele. Nessa igreja pedimos desculpa pelas nossas faltas. Nessa igreja suplicámos pelos nossos. Nessa igreja agradecemos o nosso amor. Nessa igreja o nosso amor cresceu mais um bocadinho.

Não é preciso perdermos algo para lhe sabermos dar o seu devido valor. Sentimos que essa foi a grande lição do dia.

Encomende a sua cópia autografada, diretamente aos autores, pelo **preço de 12€** já com portes incluídos para Portugal. Para isso basta enviar um email para aaa.narciso@gmail.com com o vosso nome e morada e aguardar pelas instruções de pagamento.

Se pretender adquirir a **versão digital** do livro pode fazê-lo através das seguintes lojas (basta clicar nos símbolos para aceder às mesmas):



Saiba todas as novidades do livro Caminho do Amor através do site

vagamundos.pt

e das páginas de facebook

facebook.com/vagamundospt

e

facebook.com/caminhoamor